

Especial

Depois de quase dois anos de reclusão, as famílias brasileiras, finalmente, podem organizar os encontros para celebrar o Natal

POR ANA MARIA POL

Foram quase dois anos de reclusão. Em 2020, celebrações on-line, ligações telefônicas e ceias só entre pessoas que dividiam a mesma casa substituíram os abraços e trocas de presentes nas comemorações de Natal e ano-novo das casas de muitas famílias brasileiras. Mas, com o avanço da vacinação, a chegada dos últimos dias de 2021 traz consigo a alta expectativa pelo retorno dos encontros familiares para celebrar as festividades, principalmente o Natal.

Antes da pandemia, o jantar farto de 24 de dezembro era tradição para a família da advogada Fernanda Mara Henriques Gomes Cortez Toledo, 39 anos. Ela conta que a celebração tinha início com a chegada dos parentes que moram em outros estados, na véspera de Natal, e se estendia até o ano-novo, com todos reunidos na casa de seu pai, no Sudoeste. Entre tios, tias, primos e primas, avós, avôs e agregados da família, cerca de 20 pessoas se reuniam todo ano na data.

No entanto, a festa em família não aconteceu no ano passado. “Surgiu uma nova onda (do coronavírus) e todos se recolheram, com medo. Eu não saí de casa para nada, nem meu marido. Mas ele precisou ir trabalhar no hospital, local em que contraiu a covid-19 e trouxe a doença para casa. Nós passamos muito mal. Não conseguimos ver ninguém. Foi um natal perdido, bem triste”, recorda Fernanda. “Eu dou muito valor à minha família, sempre passo as festas com eles e tento aproveitar esses momentos lado a lado, então foi bem difícil”, completa.



Para abraçar o pai na ceia, Fernanda Mara Henriques fará teste de covid antes

É hora de matar a saudade

A advogada conta, ainda, que o pai tem cerca de 10 comorbidades e ficou preocupado com uma possível contaminação. Por isso, a família distante também não compareceu à capital para a celebração do último ano. “Eu testei positivo até fevereiro e, mesmo que já não estivesse contaminado, esperei dar negativo para ter qualquer tipo de contato com minha família. Mas, durante todo esse tempo, ainda evito contato direto com meu pai. Passamos a

conversar através de um vidro, sem se abraçar ou se tocar”, diz.

Apesar de se verem, Fernanda ressalta que a falta de contato faz falta. Recentemente, seu pai precisou amputar o pé, em decorrência da diabetes. “Eu e ele sempre fomos muito próximos, então tem sido difícil não poder abraçar, durante tudo isso que está vivendo”, lamenta.

Agora, a advogada explica que aguarda pelo momento em que vai poder abraçá-lo novamente. E pretende fazer isso neste Natal. Isso porque, neste ano, a confraternização com

toda a família reunida vai voltar a acontecer. “A celebração será grande. Já estão todos vacinados, vem muita gente, alguns para o Natal, outros para o ano-novo. Meu pai está animado, assim como todos nós”, reitera.

Para poder abraçar o patriarca, Fernanda diz que ela e o esposo farão um exame da covid-19. “Eu vou fazer o teste cerca de dois dias antes e permanecer em casa para não correr qualquer tipo de risco e poder dar aquele abraço apertado, seja na cadeira, na rede, onde for. Esse, definitivamente, vai ser o meu presente do ano.”